

CAMINHOS DO ESTÁGIO: ESCUTA SENSÍVEL E PRÁTICAS INTERDISCIPLINARES NOS ANOS INICIAIS

CAMINOS DE LA PRÁCTICA DOCENTE: ESCUCHA SENSIBLE Y PRÁCTICAS INTERDISCIPLINARIAS EN LOS PRIMEROS AÑOS

 **Simone Vieira de Souza**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7089-0465>

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil, 88040-900.

Contato: simonesouza.ufsc@gmail.com

 **Caroline Guião Coelho Neubert**

ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-4126-5937>

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil, 88040-900.

Contato: caroline.neubert@ufsc.br

 **Aline Carlessi Pacheco**

ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-8682-6159>

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil, 88040-900.

Contato: aline.carlessi@gmail.com

Resumo: Este artigo apresenta um relato de experiência de docência, desenvolvido durante o estágio curricular supervisionado em uma turma de 4º ano do Ensino Fundamental no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). O objetivo central foi elaborar um projeto de ação docente que articulasse os interesses das crianças aos conteúdos curriculares. A metodologia pautou-se no planejamento colaborativo, na escuta como ponto de partida, e na organização de uma sequência didática centrada no tema animais, escolhido coletivamente. As atividades integraram Língua Portuguesa, Matemática, Geografia e História, por meio de produção textual, tecnologias, entrevistas, jogos e oficinas artísticas, apoiadas por uma avaliação formativa. Os resultados evidenciam o potencial da escuta e da interdisciplinaridade como fundamentos para uma prática docente sensível e criativa. A vivência também permitiu refletir sobre os desafios da gestão do tempo e da mediação pedagógica no cotidiano escolar. A experiência reafirma, assim, o estágio como espaço de coformação para uma prática ética, crítica e comprometida com os direitos e os saberes das crianças.

Palavras-chave: Escuta Sensível; Interdisciplinariedade; Coformação; Projeto de Ação Docente; Estágio Supervisionado.

Resumen: Este artículo presenta un relato de experiencia docente, desarrollado durante la práctica curricular supervisada en un grupo de 4º año de Educación Primaria en el Colegio de Aplicación de

la Universidad Federal de Santa Catarina (UFSC). El objetivo central fue elaborar un proyecto de acción docente que articulara los intereses de las niñas y los niños con los contenidos curriculares. La metodología se basó en la planificación colaborativa, en la escucha como punto de partida y en la organización de una secuencia didáctica centrada en el tema de los animales, elegido de forma colectiva. Las actividades integraron Lengua Portuguesa, Matemáticas, Geografía e Historia mediante producción textual, uso de tecnologías, entrevistas, juegos y talleres artísticos, acompañadas por una evaluación formativa. Los resultados evidencian el potencial de la escucha y de la interdisciplinariedad como fundamentos para una práctica docente sensible y creativa. La experiencia también permitió reflexionar sobre los desafíos relacionados con la gestión del tiempo y la mediación pedagógica en la vida cotidiana escolar. De este modo, la práctica reafirma el espacio de la práctica curricular supervisada como un ámbito de coformación orientado hacia una práctica ética, crítica y comprometida con los derechos y los saberes de las niñas y los niños.

Palabras clave: Escucha Sensible; Interdisciplinariedad; Coformación; Proyecto de Acción Docente; Práctica Supervisada.

Primeiros passos: onde começa a docência

O estágio curricular supervisionado é uma parte essencial da formação inicial docente. Ele representa um momento privilegiado de articulação entre os saberes teóricos construídos ao longo do curso de Pedagogia com as práticas pedagógicas vividas no cotidiano escolar. Mais do que um requisito obrigatório para a conclusão da licenciatura, o estágio se configura como espaço formativo no qual o ato de ensinar é compreendido como uma prática intencional, ética, sensível e crítica. Ao adentrar o contexto da escola pública, o licenciando é convidado a observar, escutar, intervir e refletir sobre os múltiplos aspectos que compõem a prática docente, construindo um olhar investigativo e comprometido com a realidade educacional brasileira (hooks¹, 2017; Freire, 2009).

Nesse sentido, a disciplina Educação e Infância VI - Estágio II: exercício da docência nos anos iniciais, componente curricular obrigatório do curso de Licenciatura em Pedagogia UFSC, tem como objetivo central oportunizar aos estudantes a vivência da docência em turmas do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental. Assim, ela promove experiências significativas que integram teoria e prática em um processo formativo progressivo (UFSC, 2025). A disciplina está estruturada em quatro tempos interdependentes, concebidos como etapas complementares que permitem ao licenciando uma trajetória gradual de envolvimento e intervenção no campo escolar, qual seja, retomada conceitual, observação participante ou coformação, docência e sínteses reflexivas.

O primeiro tempo, intitulado “Revisitando operadores conceituais e de vida”, propõe a retomada dos fundamentos teóricos sobre infância e docência, articulados às trajetórias pessoais e profissionais das estagiárias. Na sequência, o segundo tempo, “De volta à escola, e agora?”, marca a entrada no campo de estágio. O foco aqui é a observação participante ou coformação, a inserção na rotina escolar e nas práticas pedagógicas,

¹ bell hooks é o pseudônimo da autora Gloria Jean Watkins (1952–2021). A escrita do nome em letras minúsculas foi uma escolha da autora, que desejava enfatizar a centralidade de suas ideias em vez de sua identidade pessoal. Assim, optamos por respeitar sua posição, mantendo a grafia em minúsculas em todas as citações e referências, ainda que as normas da ABNT recomendem o uso de maiúsculas.

interações com as crianças e professora regente. É nesse momento inicial que a escuta sensível² e o olhar atento se tornam cruciais para a construção de vínculos e para o reconhecimento do contexto educativo como um legítimo espaço formativo.

O terceiro tempo, “A coformação docente: o que isso diz sobre o caminho e o caminhante?”, inaugura a vivência da docência compartilhada. Esta é concebida como prática colaborativa e dialógica, sendo construída junto à professora regente e às crianças da turma. Por fim, o quarto tempo, “Sobre os não finais...”, convida à sistematização e reflexão da experiência. Ele reforça a ideia da formação docente como um processo contínuo, inacabado e sempre aberto a reinvenções, onde a escrita se torna expressão das aprendizagens construídas e das perguntas que ainda permanecem (Carminati; Demaria; Pazin, 2020).

O estágio foi realizado no Colégio de Aplicação (CA) da Universidade Federal de Santa Catarina, uma escola pública de caráter experimental, vinculada ao Centro de Ciências da Educação (CED). Situado no bairro Trindade, em Florianópolis, o CA se destaca por sua proposta pedagógica voltada para a formação cidadã, a inclusão, valorização das infâncias e para a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. A escola abriga projetos inovadores e cumpre, entre suas funções, a de campo de estágio e prática docente para os cursos de licenciatura, conforme estabelecido em seu Projeto Político-Pedagógico (PPP) (CA/UFSC, 2019).

Conforme o PPP, o Colégio de Aplicação compreende a escola como um espaço ativo de produção e socialização de saberes, de valorização da diversidade e de construção de práticas pedagógicas democráticas, inclusivas e dialógicas. O compromisso com a formação integral dos estudantes e com a valorização das múltiplas expressões culturais das crianças são marcas presentes no cotidiano da instituição. Ao acolher as estagiárias da UFSC, o CA amplia seu projeto formativo, permitindo o entrelaçamento entre universidade e escola básica (CA/UFSC, 2019).

O primeiro contato com o campo de estágio ocorreu por meio de uma visita orientada. Nela, tivemos a oportunidade de conhecer o espaço escolar, dialogar com a equipe pedagógica e compreender a proposta educativa da instituição. Essa aproximação inicial foi fundamental não só para estabelecer vínculos de confiança, mas também para compreender a escola não apenas como um cenário de práticas, e sim como um território de formação, de trocas e de afetos.

No decorrer do estágio, acompanhamos a turma do 4º ano B, composta por 25 crianças com idades entre nove e dez anos. A turma era conduzida pela professora regente Caroline Guião Coelho Neubert e contava com a participação da bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Estágio (PIBE) Maria Paula Vicente, estudante do curso de

² O conceito de escuta sensível refere-se a uma postura ética, atenta e empática de escutar o outro, considerando não apenas o conteúdo da fala, mas também os silêncios, gestos, expressões e contextos que a atravessam. Na educação, implica reconhecer crianças, jovens e adultos como sujeitos de saberes, valorizando suas experiências, vozes e modos de ser, em uma relação dialógica que busca compreender e acolher a alteridade (Mello, 2007; Skliar, 2014).

Ciências Biológicas. A convivência com essa equipe possibilitou uma experiência formativa rica, mediada pelo diálogo, pela escuta e pela construção conjunta das propostas pedagógicas.

A turma se destacou pela diversidade de ritmos, interesses e modos de participação das crianças. A professora regente, por sua vez, promovia um ambiente pedagógico acolhedor, respeitoso e participativo, onde os estudantes eram reconhecidos como sujeitos ativos, produtores de saberes e protagonistas do próprio processo de aprendizagem. As práticas pedagógicas cotidianas eram permeadas por intencionalidade, sensibilidade e constante abertura à escuta das crianças. Isso nos recorda o que Skliar afirma sobre “[...] onde existe encontro, desaparece o ‘outro’, isto é, ali onde estarmos juntos é o que acontece, torna-se inútil desnecessária e até absurda, a simples menção do ‘outro’” (Skliar, 2014, p. 127).

A rotina escolar da turma era organizada de maneira a equilibrar momentos estruturados de estudo com vivências lúdicas e expressivas. Entre as atividades realizadas, destacavam-se o “Sorteio do Ajudante”, a “Chamada Divertida”, os momentos de relaxamento após o recreio, as aulas específicas - como LIBRAS, Educação Física, Artes, Literatura Oral, Biblioteca e Brinquedoteca -, e as propostas de leitura, produção textual, jogos matemáticos e atividades investigativas. Durante o período de observação participante, foi possível perceber como essa rotina favorecia a criação de vínculos afetivos, promovia a autonomia das crianças e fortalecia uma ambiência democrática.

A decisão de manter as rotinas instituídas pela professora regente durante o projeto de ação docente foi intencional. Ela se fundamentou na compreensão de que a continuidade dos processos educativos contribui para a criação de vínculos, a previsibilidade das ações e a construção de aprendizagens significativas. Como nos lembra Freire (1996), a estabilidade no cotidiano escolar não só amplia a confiança das crianças, mas também fortalece sua participação ativa no processo.

A construção do projeto de ação docente foi ancorada em uma atividade de escuta sensível, planejada e aplicada na última semana do período de observação participante. Intitulada “Vamos construir aulas incríveis?”, a proposta visava promover a participação democrática das crianças, convidando-as a sugerir temas e conteúdos que gostariam de explorar durante o período de regência. A dinâmica foi estruturada em três momentos: produção escrita individual, defesa oral das ideias e seleção coletiva dos temas prioritários. Esse processo não apenas promoveu o protagonismo infantil, mas incentivou também o exercício da argumentação.

Foi por meio dessa atividade que emergiu, de forma contundente, o interesse coletivo pela natureza, especificamente nos animais. As crianças expressaram esse desejo em suas produções escritas e nas falas durante a apresentação de suas ideias, evidenciando o fascínio por esse universo. O levantamento das sugestões foi documentado por meio de registros escritos e fotográficos, organizados em eixos temáticos relacionados à Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018), e serviu como base concreta para o

planejamento do projeto de ação docente e sua sequência didática que viria a seguir.

Dessa forma, o projeto de ação docente foi construído de forma colaborativa, com base nos desejos das crianças e nas diretrizes curriculares. Esse processo revelou o potencial da escuta como eixo estruturante do planejamento pedagógico. A proposta ganhou corpo a partir desse ponto de partida, articulando de maneira importante e interdisciplinar os interesses das crianças com os conteúdos escolares.

A proposta de ação docente, intitulada “Entre os rastros dos animais: uma jornada de mapas, povos e argumentações”, foi construída em diálogo constante com a professora regente, a bolsista PIBE e, principalmente, com as crianças. O título sintetiza os três eixos estruturantes do projeto: os animais como tema central de interesse coletivo; os mapas, explorados pela cartografia e geolocalização dos habitats; e as argumentações, mobilizadas por meio da oralidade, da escrita e das trocas de saberes na turma.

A sequência didática foi um trabalho interdisciplinar rico, integrando Língua Portuguesa, Geografia, História e Matemática. Nossas práticas envolveram diversas frentes, como, por exemplo, práticas de leitura, produção textual, pesquisa, entrevistas, uso de tecnologias, jogos, atividades artísticas e momentos de socialização. Ao longo da docência, buscamos favorecer a autoria, a expressão e o protagonismo das crianças, respeitando seus tempos, saberes e modos de aprender.

Realizada entre 26 de maio e 11 de junho de 2025, a docência se deu como um processo de coformação, com orientação da professora Simone Vieira de Souza e acompanhamento da professora regente Caroline Guião Coelho Neubert. Essa experiência compartilhada revelou-se profundamente formativa, pois possibilitou a construção de uma prática pedagógica viva, situada e dialogada. Nela, a teoria se ressignificava em contato constante com os desafios cotidianos, encontrando eco na visão de bell hooks (2017) sobre a escola como espaço de imaginação de outros futuros (Carminati, Demaria e Pazin, 2020; Freire, 1996).

A vivência do estágio confirmou a importância da escuta sensível, do planejamento colaborativo e do compromisso ético com o contexto escolar. Nesse sentido, a prática pedagógica se constitui como um espaço privilegiado de formação profissional, tal como propõem Carminati, Demaria e Pazin (2020). Essa formação ocorre na relação dialógica entre estagiária, professora regente, professora orientadora e estudantes, um ambiente onde os saberes acadêmicos encontram seu sentido na ação educativa.

Por fim, é importante destacar que o planejamento desenvolvido não se encerra em si mesmo, isto é, ele abre caminhos, suscita novas perguntas e possibilita a construção de outros projetos. Isso confirma a visão de Pimenta (2012), que define o estágio supervisionado como um espaço-tempo de investigação, problematização e criação, no qual a teoria e a prática se entrelaçam em um movimento constante de reconstrução.

Este relato de experiência tem como propósito central apresentar e refletir sobre a proposta de ação docente desenvolvida no contexto do estágio curricular supervisionado, analisando as aprendizagens construídas, compartilhando alguns dos desafios e

tensionamentos vivenciados. Trata-se de uma escrita que se compromete com uma prática pedagógica sensível às infâncias, que prioriza a escuta, a partilha e a construção de uma educação que reconhece as crianças como sujeitos de direitos, de cultura e de conhecimento.

Nos passos do projeto de ação docente: que processo formativo de professores(as) defendemos?

O estágio curricular supervisionado é um tempo-espço privilegiado de articulação entre teoria e prática. Ele oferece ao licenciando a oportunidade de experimentar, refletir e reinventar sua concepção de docência. Durante todo esse processo, uma pergunta orientadora nos atravessou: “Que processo formativo de professores(as) defendemos?” Mais do que ponto de partida, essa indagação foi o fio condutor do planejamento, da prática e das sínteses reflexivas.

A resposta à indagação foi se desenhando no próprio fazer docente. Surgiu na escuta atenta das crianças, no diálogo com a professora regente e na articulação dos conteúdos escolares com os interesses do grupo. Desse modo, caminhamos em direção a uma prática pedagógica que reconhece as crianças como sujeitos de saberes, que valoriza a interdisciplinaridade e que considera o contexto real da sala como base para o planejamento pedagógico.

A escuta como ponto de partida do planejamento

A prática docente ganha sentido quando nasce do diálogo com os sujeitos do processo educativo. No contexto do estágio supervisionado, compreendemos que a escuta não se restringe a uma estratégia didática pontual, mas constitui um princípio político, ético e formativo. Escutar as crianças é reconhecer nelas sujeitos de saberes, sentimentos e desejos, capazes de construir sentidos para o mundo e para a escola. Como afirma Mello “a escuta da criança exige uma postura sensível e comprometida com os sentidos e significados que ela atribui ao mundo” (2007, p. 95).

Inspirada por esse entendimento e orientada pelas observações realizadas no segundo tempo do estágio, foi planejada a atividade “Vamos construir aulas incríveis?”. O objetivo era tornar a escuta das crianças o ponto de partida concreto para o projeto de ação docente. A proposta buscou conhecer os interesses do grupo, permitindo que as próprias crianças sugerissem conteúdos e temas a serem trabalhados ao longo da sequência didática. A atividade foi organizada em três momentos interligados: produção escrita individual, socialização oral e votação coletiva dos temas. As crianças foram incentivadas a argumentar suas escolhas com liberdade e criatividade, gerando debates ricos e participativos. Todo o processo foi registrado por meio de fotos, anotações e um gráfico de colunas para visualizar os temas recorrentes e identificar os eixos centrais emergentes da escuta.

Nesse exercício horizontal e democrático, o tema “animais” destacou-se com grande

expressividade. A escolha não foi uma simples preferência lúdica, mas como um interesse já presente nas falas, desenhos, brincadeiras e textos das crianças. Escutar, portanto, significou reconhecer e incorporar saberes que circulavam no cotidiano da turma. Como nos lembra Madalena Freire (1996), a escuta e a observação são instrumentos fundamentais no planejamento pedagógico, pois permitem conhecer o universo das crianças e planejar a partir dele.

A partir desse desejo coletivo, surgiu a proposta de criar cartas informativas inspiradas nas cartas Pokémon. O projeto visava reunir informações reais sobre os animais escolhidos, como, nome científico, habitat, alimentação, curiosidades e em linguagem acessível. Essa estratégia promoveu leitura, pesquisa, produção textual, organização de dados e trocas entre pares, consolidando o interesse infantil como eixo estruturante da proposta pedagógica. Esse movimento revelou que os interesses das crianças podem, sim, transformar-se em conteúdos escolares, desde que o planejamento se configure como espaço de encontro entre o que é preciso ensinar e o que as crianças desejam aprender.

A escuta inicial permitiu articular os objetivos curriculares da BNCC (2018) aos desejos do grupo, tornando a proposta significativa, situada e partilhada. Respeitar os tempos, rotinas e interesses das crianças não foi apenas uma escolha metodológica, mas uma postura pedagógica comprometida com o fortalecimento de vínculos afetivos e cognitivos. Essa abordagem confirma o que destaca Paulo Freire (1996), sobre a continuidade dos processos educativos como condição essencial para a construção de vínculos significativos e aprendizagens consistentes. Porque “[...] quando não temos tempo, temos normas. Quando não temos tempo, julgamos. Quando não temos tempo, a palavra é a proclamação do exílio do outro, seu indigno confinamento” (Skliar, 2017, p. 132).

A escuta sensível revelou o potencial da prática pedagógica como espaço de formação mútua. O estágio foi, sobretudo, um exercício de escuta e de autoescuta, um diálogo constante comigo mesma enquanto professora em formação, com a professora regente, com a professora orientadora, com as crianças e com a experiência vivida em sala. Assim, a prática docente se consolidou como um processo contínuo de coformação, de aprendizagem e de reinvenção.

A interdisciplinaridade na prática docente

A interdisciplinaridade tornou-se a escolha mais significativa do projeto de ação docente, nascendo da escuta sensível realizada durante a observação participante. O forte interesse coletivo das crianças pelos animais revelou-se o fio condutor mobilizador. Essa conexão impulsionou uma pergunta central: Por que ensinar cada conteúdo separadamente se podemos fazê-lo de forma integrada, significativa e viva? E essa indagação guiou a construção de um percurso pedagógico profundamente conectado não só ao currículo, mas também aos afetos, curiosidades e modos de ser das crianças.

Em diálogo com a professora regente e com base na BNCC (2018) e no currículo em andamento, foram selecionados conteúdos como adjetivos, texto argumentativo, medidas

matemáticas (dobro e triplo), tipos de mapas e o estudo dos povos indígenas de Santa Catarina. Da articulação entre esses conteúdos nasceu o projeto “Entre os Rastros dos Animais: uma Jornada de Mapas, Povos e Argumentações”, estruturado em três grandes eixos, animais, mapas e argumentações.

A integração das áreas de Língua Portuguesa, Geografia, História e Matemática ocorreu de forma criativa e contextualizada. As crianças escreveram textos argumentativos assumindo a perspectiva de animais escolhidos, mobilizando adjetivos e organização textual com base no livro *Vote em mim!* de Baltscheit e Schwarz (2011). No campo da Geografia, exploraram o Google Earth e construíram mapas da sala, relacionando os habitats dos animais aos espaços reais. Em História, o estudo dos povos indígenas Guarani, Kaingang e Xokleng, culminou na entrevista com Édina Barbosa Farias, mulher indígena Kaingang, promovendo um encontro de escuta e respeito. Por fim, em Matemática, os conceitos de medida foram explorados por meio das fichas informativas dos animais, inspiradas nas cartas Pokémon, que serviram como base para cálculos e comparações.

A sequência didática também valorizou as linguagens artísticas e culturais, promovendo a expressão e a colaboração. Destacaram-se a produção de cartazes, as apresentações orais, a oficina de argila “Meu animal protetor” e a galeria viva de encerramento. Essas propostas foram importantes para ampliar as formas de expressão das crianças, tornando seus processos de aprendizagem visíveis de uma maneira sensível e colaborativa.

Essa abordagem integrada só foi possível porque o planejamento se constituiu como um espaço de escuta e negociação entre o que precisava ser ensinado e o que as crianças desejavam aprender. Tal prática alinha-se à proposta do PPP do Colégio de Aplicação da UFSC (2019), que busca promover uma tensão produtiva entre a disciplinaridade e a interdisciplinaridade, articulando saberes em projetos comuns. A interdisciplinaridade, nesse sentido, revelou-se não apenas como estratégia didática, mas como uma postura pedagógica relacional, ética e inventiva.

O objetivo geral da proposta foi promover experiências interdisciplinares que articulassem os interesses das crianças aos conteúdos de Língua Portuguesa, Matemática, Geografia e História. Isso se deu por meio de práticas que valorizaram a escuta sensível, a autoria, a oralidade e o trabalho coletivo, incentivando aprendizagens significativas sobre animais, cartografia e culturas indígenas.

Essa experiência reafirmou minha concepção de que ensinar não é repetir conteúdos isolados, mas sim tecer relações entre saberes, sujeitos e contextos. Como nos lembra Paulo Freire (1996), ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção. A interdisciplinaridade foi, assim, o caminho que possibilitou construir essas pontes entre o currículo e a vida.

Metodologias utilizadas e mediação pedagógica

A proposta metodológica adotada durante a docência foi cuidadosamente planejada

para promover experiências de aprendizagem significativas, contextualizadas e coerentes com os princípios da escuta sensível, da participação democrática e da valorização das múltiplas linguagens. As estratégias buscaram articular os conteúdos escolares aos interesses previamente revelados pelas crianças, por meio de práticas sensíveis, criativas e investigativas. Essas mediações intencionais configuraram-se como o caminho para favorecer o protagonismo, a autoria e o diálogo entre diferentes saberes.

O projeto de ação docente foi organizado em três semanas de vivência, equilibrando momentos de construção coletiva, aprofundamento conceitual, produção autoral e atividades lúdicas e expressivas. As práticas envolveram diferentes linguagens, oral, escrita, visual, corporal e digital; e colocaram as crianças em posição ativa frente ao conhecimento, por meio de leitura e interpretação de textos, rodas de conversa, produção textual, uso de tecnologias digitais, construção de cartazes, entrevistas e oficinas artísticas.

Na primeira semana, o foco esteve no acolhimento e na introdução aos conteúdos. Iniciamos com a leitura e interpretação de um gráfico com os temas escolhidos pelas crianças e uma dinâmica com crachás de adjetivos, retomando esse conteúdo de forma lúdica. Em seguida, lemos o livro *Vote em mim!* de Baltscheit e Schwarz (2011), que inspirou a produção dos primeiros textos argumentativos com o tema “Se eu fosse um animal...”. Finalizamos a semana com a socialização das produções, apresentação das fichas dos animais, cartas inspiradas no universo Pokémon, e atividades matemáticas com foco nos conceitos de dobro e triplo, baseadas em dados reais dos animais escolhidos.

Durante a segunda semana, ampliamos os conhecimentos, articulando o tema central aos estudos de cartografia, às culturas indígenas e ao uso de ferramentas digitais. As crianças navegaram pelo Google Earth para localizar os habitats dos animais e explorar diferentes tipos de mapas, além de iniciarem a construção do mapa da sala de aula. Aprofundamos o estudo dos povos indígenas Guarani, Kaingang e Xokleng com apoio de vídeos, leituras e rodas de conversa, culminando na construção de um roteiro de entrevista e no encontro com Édina, mulher indígena Kaingang, que respondeu com generosidade às perguntas das crianças em uma experiência potente de diálogo intercultural.

A terceira e última semana foi dedicada à sistematização das aprendizagens e ao fortalecimento da autoria. As crianças apresentaram os mapas da sala, revisaram os textos argumentativos e produziram uma nova versão ilustrada. Em seguida, finalizaram os cartazes em grupo sobre os povos indígenas e realizaram apresentações orais. No último dia, encerramos a sequência com uma galeria viva de trabalhos, um bingo de revisão, momentos de relaxamento e a oficina de argila “Meu animal protetor”, em que cada criança modelou, com liberdade criativa, um animal simbólico de sua identidade ou desejos.

Entre as metodologias utilizadas, destaco a leitura de textos literários e informativos, as atividades de interpretação e produção escrita, as rodas de conversa e debates, o uso das cartas informativas inspiradas em Pokémon, a navegação no Google Earth, a exibição de vídeos educativos, a elaboração de cartazes em grupo, a entrevista com convidada externa e registros coletivos, além de oficinas artísticas com desenho, colagem e

modelagem em argila. Essas estratégias respeitaram os modos de aprender de cada criança e promoveram múltiplas formas de expressão.

As metodologias dialogaram diretamente com os princípios do Projeto Político-Pedagógico do Colégio de Aplicação (CA/UFSC, 2019), que valoriza práticas investigativas, colaborativas e atentas à diversidade. A combinação entre propostas autorais, atividades práticas e momentos de sistematização contribuiu para o engajamento das crianças e para a construção de aprendizagens significativas, afetivas e contextualizadas.

A mediação pedagógica foi orientada pela escuta atenta, sensibilidade e presença. Ao longo de toda a docência, buscamos ajustar as propostas conforme as reações, dúvidas e interesses da turma, acolhendo os imprevistos como oportunidades de ressignificação. Essa postura flexível e responsiva permitiu que o planejamento permanecesse vivo e conectado com a realidade do grupo. A docência, nesse sentido, não foi a execução de um roteiro fixo, mas uma experiência coletiva de descoberta, encantamento e criação compartilhada de conhecimento (Freire, 2007).

Avaliação formativa e o acompanhamento das aprendizagens

Ao longo do estágio, a avaliação foi concebida como um processo formativo, contínuo, mediador e reflexivo, fundamentado na escuta atenta das crianças e na análise cuidadosa de seus processos de aprendizagem. Inspirada nos princípios do Projeto Político-Pedagógico do Colégio de Aplicação da UFSC, a avaliação assumiu um caráter qualitativo e inclusivo, centrado na compreensão dos percursos individuais e não na mensuração padronizada de resultados. Conforme defende Freire (1997, p. 10), “a avaliação deve ser compreendida como um ato de conhecimento, de intervenção e de transformação da prática pedagógica, nunca como um juízo final ou um instrumento de controle”.

Essa concepção ampliada de avaliação orientou nossa prática durante a docência. A cada dia, novas formas de olhar, escutar e intervir foram construídas, permitindo que o planejamento permanecesse vivo e coerente com as necessidades do grupo. As estratégias avaliativas envolveram observação contínua, registros escritos e orais, análise das produções autorais, escuta das falas espontâneas e atenção às expressões corporais e artísticas das crianças. O foco esteve no processo vivido por cada criança, ou seja, como ela participava, se engajava, criava, argumentava e expressava seus saberes, mais do que no resultado de suas produções.

A cada dia de docência, foi produzido registros reflexivos, analisando as estratégias utilizadas, o envolvimento da turma, os desafios encontrados e os avanços percebidos. Falas significativas, comportamentos do grupo, indícios de aprendizagens e sugestões de ajustes foram registradas para os encontros seguintes. Esses registros não apenas documentaram o processo, mas também se tornaram ferramentas importantes para o acompanhamento das aprendizagens e para a reorganização do planejamento de forma sensível e responsiva.

As produções textuais foram lidas com atenção, respeitando a singularidade de cada

criança e valorizando a criatividade, a coerência argumentativa e a relação com os conhecimentos discutidos em sala. Durante as apresentações orais, foi considerado o esforço na comunicação, a escuta entre os colegas e a construção coletiva de cartazes e mapas. Nas atividades artísticas, como a oficina de argila “Meu animal protetor”, buscamos interpretar os sentidos atribuídos às criações, reconhecendo nelas expressões de identidade, afetos e saberes que não se limitam à linguagem verbal.

Essa postura avaliativa esteve em sintonia com a perspectiva de Madalena Freire (1997), para quem avaliar também é escutar e refletir junto com a turma. A avaliação foi vivida como uma mediação entre o planejamento e a prática, entre os objetivos previstos e os caminhos trilhados de forma concreta pelas crianças e por mim, enquanto professora em formação. Essa mediação favoreceu a construção de uma prática mais afinada às necessidades reais do grupo, reconhecendo conquistas e propondo novas possibilidades.

Por fim, reafirmo que essa concepção de avaliação, orientada por princípios éticos, sensíveis e formativos, ampliou minha compreensão do papel docente. Como aponta o PPP do Colégio de Aplicação (UFSC, 2019), a avaliação deve considerar o processo e não apenas o produto, permitindo que a criança tome consciência de suas aprendizagens. Ao adotar essa lógica processual e inclusiva, é possível compreender que avaliar é parte indissociável de ensinar, e que ensinar, por sua vez, requer escuta, presença e compromisso com a formação integral de cada criança.

Desafios vividos e reflexões sobre o tempo na escola

Apesar das potências vividas ao longo do estágio, a experiência de docência também foi atravessada por desafios que me provocaram enquanto professora em formação. Entre eles, o tempo escolar se apresentou como um dos principais tensionamentos. Os nove dias destinados à docência pareceram insuficientes para aprofundar todas as propostas planejadas, acompanhar com mais cuidado os processos de cada criança e vivenciar os ritmos próprios da sala com a calma que eles exigem.

Essa constatação produziu perguntas fundamentais: em meio a tantos conteúdos, onde está o tempo de cada criança? Quando se cria espaço para a escuta individual, o vínculo e o afeto? Em diversos momentos, foi sentido que a urgência em cumprir o cronograma comprometia a mediação pedagógica mais sensível. O tempo da escola, com seus imprevistos, silêncios e afetos, claramente difere do tempo do planejamento. Reafirmo, com Madalena Freire (1997), que avaliar e planejar exigem tempo, e a educação, de fato, não se faz com pressa.

Apreendi, na prática, que o tempo cronológico não é suficiente para dar conta da complexidade dos encontros em sala de aula. É preciso considerar os tempos da dúvida, da escuta e do vínculo, que não cabem em cronogramas rígidos. Planejar com intencionalidade, nesse sentido, não significa prever tudo, mas sim criar espaço para o imprevisto e para o acolhimento das necessidades que emergem com o grupo, naquele momento vivido coletivamente.

A gestão da sala também se mostrou desafiadora. Mediar conflitos, manter o foco nas atividades e garantir o envolvimento de todas as crianças exigiu escuta, flexibilidade e constante presença. Na prática, algumas atividades precisaram ser adaptadas ou reformuladas de última hora; outras, apesar de bem planejadas, não despertaram o interesse esperado e foram ressignificadas ou substituídas. Essa dinâmica demandou abertura e sensibilidade diante das necessidades do grupo.

As diferentes situações ensinaram que a prática docente requer mais do que domínio de conteúdos ou planejamento técnico. Ela exige ética, coragem e disponibilidade para lidar com o que escapa do controle. Como afirma Paulo Freire (1996), ensinar exige coragem para assumir os riscos da liberdade e, nessa liberdade, também está o risco de errar, de não dar conta e de precisar recomeçar. O desafio, então, está em acolher esses momentos como parte legítima do processo formativo.

Em alguns dias, o excesso de propostas dificultou o aprofundamento das reflexões. Foi percebido que nem sempre é necessário fazer muito, mas sim oferecer tempo e espaço para que as crianças possam elaborar, experimentar e compartilhar com calma suas aprendizagens. Isso trouxe uma reflexão essencial, a docência não se mede pela quantidade de atividades realizadas, mas pela qualidade das interações, pela escuta atenta e pelo respeito aos tempos da infância. A experiência do estágio ensinou que educar é, sobretudo, um gesto de humanização, e isso exige tempo de qualidade. Tempo para observar, para escutar com profundidade e para criar relações significativas no cotidiano da escola.

Das sínteses reflexivas que não se encerram

A experiência do estágio curricular supervisionado possibilitou o aprofundamento de reflexões importantes sobre o fazer docente, articulando teoria e prática em um processo formativo sensível e comprometido com os direitos e os modos de ser das crianças. A construção do projeto de docência foi balizada pelo diálogo constante com a professora regente, a professora orientadora, as crianças e os documentos curriculares. Isso permitiu a elaboração de uma proposta significativa, centrada na escuta, na interdisciplinaridade e na valorização das múltiplas linguagens. O tema dos animais, eleito pela participação ativa das crianças, revelou-se um potente fio condutor para articular conteúdos de diferentes áreas, promovendo aprendizagens contextualizadas, afetivas e colaborativas.

Ao investir em práticas metodológicas integradas, sensíveis e autorais, foi possível construir um percurso de docência que reconhece o papel ativo das crianças no processo de aprendizagem. A escuta como ponto de partida, a interdisciplinaridade como princípio organizador do planejamento, a avaliação formativa como acompanhamento dos processos e a mediação atenta como prática ética e responsiva, se mostraram elementos essenciais para uma docência crítica e transformadora. As vivências do estágio também evidenciaram os desafios da prática, especialmente em relação à gestão do tempo e à necessidade de flexibilidade diante dos imprevistos do cotidiano escolar, exigindo presença, escuta e

coragem para reinventar o caminho.

Como professora em formação, foi possível compreender que o processo formativo que defendemos é aquele que valoriza a construção coletiva do conhecimento, a escuta sensível como fundamento pedagógico, e a docência como prática política, ética e relacional. O estágio reafirmou minha escolha pela educação comprometida com a infância, com o diálogo entre saberes e com a transformação social. Para além da proposta desenvolvida, fica o convite à continuidade da pesquisa e da reflexão sobre práticas que respeitem os tempos e os modos de aprender das crianças. A formação docente, assim como o próprio ato de educar, é um processo contínuo, inacabado e cheio de possibilidades...

Referências

BALTSCHKEIT, Martin; SCHWARZ, Christine. **Vote em mim!** São Paulo: Editora Ciranda Cultural, 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 01 jul. 2025.

CARMINATI, Marcia Bressan; DEMARIA, Maria Aparecida Aguiar; PAZIN, Nailze Pereira de Azevedo. A escola como espaço de formação e coformação docente. In: SOUZA, Alba Regina Battisti de; et al (org.). **Anos Iniciais do Ensino Fundamental: Estágio Curricular Supervisionado e Formação Docente**. 1. ed. Florianópolis, SC: Editora Insular: 2020.

FREIRE, Madalena. **Observação, registro e reflexão: Instrumentos Metodológicos I**. 2ª ED. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1996.

FREIRE, Madalena. **Avaliação e planejamento: a prática educativa em questão**. Instrumentos Pedagógicos II. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1997.

FREIRE, Madalena. **A paixão de conhecer o mundo**. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

MELLO, Suely A. Infância e humanização: algumas considerações na perspectiva histórico-cultural, **Perspectiva**, Florianópolis, v. 25, n. 1, p. 83-104, jan./jun. 2007.

PIMENTA, Selma Garrido. **O estágio na formação de professores: unidade, teoria e prática?** 11. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

SKLIAR, Carlos. **O ensinar enquanto travessia: linguagens, leituras, escritas e alteridades para uma poética da educação**. Salvador: EDUFBA, 2014.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. **Plano de Ensino da disciplina Educação e Infância VI**. Florianópolis, 2025.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. Centro de Ciências da Educação. Colégio de Aplicação. **Projeto Político-Pedagógico do Colégio de Aplicação CED-UFSC 2019**. Florianópolis, nov. 2019. Disponível em: <https://capl.paginas.ufsc.br/files/2020/09/Projeto-Pol%C3%ADtico-Pedag%C3%B3gico-do-Col%C3%A9gio-de-Aplica%C3%A7%C3%A3o-CED-UFSC-2019-1.pdf>. Acesso em: 01 jul. 2025.

Notas de autoria

Simone Vieira de Souza é Doutora em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professora do Departamento de Metodologia de Ensino e do Programa de Pós-Graduação em Educação, na linha de Pesquisa Educação e Infância da Universidade Federal de Santa Catarina.

Contato: simonesouza.ufsc@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7089-0465>

Caroline Guião Coelho Neubert é Doutora em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professora efetiva de Educação Geral no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina.

Contato: caroline.neubert@ufsc.br

ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-4126-5937>

Aline Carlessi Pacheco é Licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professora de anos iniciais do Ensino Fundamental na rede municipal de Florianópolis.

Contato: aline.carlessi@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-8682-6159>

Agradecimentos

Nosso especial agradecimento às crianças da turma: sua escuta atenta, curiosidade e participação deram vida ao projeto e inspiraram cada passo desta experiência. Agradecemos também à professora regente, pelo acolhimento generoso, pela parceria e pela abertura ao diálogo, que tornaram possível a construção de uma prática sensível e significativa. Por fim, estendemos nossa gratidão à instituição de ensino que nos recebeu com compromisso e seriedade, reafirmando seu papel essencial como espaço de formação docente e de construção de uma educação ética, crítica e transformadora para todos.

Como citar esse artigo de acordo com as normas da ABNT

SOUZA, S. V.; NEUBERT, C. G.; PACHECO, A. C. "Caminhos do estágio: escuta sensível e práticas interdisciplinares nos anos iniciais". **Sobre Tudo**, Florianópolis, v. 16, n. 2, p. 52-66, 2025.

Financiamento

Não se aplica.

Consentimento de uso de imagem

Não se aplica.

Aprovação de comitê de ética em pesquisa

Não se aplica.

Licença de uso

Os/as autores/as cedem à Revista **Sobre Tudo** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a Licença Creative Commons Attribution (CC BY) 4.0 International. Esta licença permite que terceiros remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

Publisher

Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Ciências da Educação. Colégio de Aplicação. Publicação na página da Revista **Sobre Tudo**. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus/suas autores/as, não representando, necessariamente, a opinião dos/as editores/as ou da universidade.

Histórico

Recebido em: 05/10/2025

Aprovado em: 02/12/2025

Publicado em: 19/12/2025